



Universidade: presente!



XXXI SIC

21.25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Migração, gênero e saúde: o acesso das mulheres imigrantes ao Sistema Único de Saúde (SUS) em Porto Alegre

Autor: Isabella Martins Carpentieri | **Orientador:** Prof. Dr. Fabian Scholze Domingues
Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre Migração – NEPEMIGRA

Introdução

O crescimento dos fluxos migratórios internacionais traz à tona o debate referente à responsabilidade dos Estados em garantir os direitos sociais básicos às populações imigrantes, estando incluso o acesso à saúde. No caso brasileiro, foi um marco importante a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), ao organizar e articular os serviços, ampliando a justiça e reduzindo a desigualdade. Institucionalmente, não existem restrições formais que impeçam a utilização do SUS por estrangeiros, mas a esfera jurídica esbarra na superlotação, na falta de médicos, na escassez de medicamentos e na precariedade dos serviços. São particularmente as mães imigrantes e seus filhos o grupo mais vulnerável às rupturas e às transformações resultantes do processo migratório.

Metodologia

A pesquisa será desenvolvida utilizando-se de métodos quantitativos, com a análise de dados, e métodos qualitativos, com leituras especializadas no assunto. Dessa forma, informações como o acesso a serviços, qualidade da atenção e a facilidade de comunicação serão avaliados para futura elaboração de políticas públicas equânimes e inclusivas.

Objetivos

Partindo do princípio que integralidade, equidade e universalidade são os valores doutrinários do Sistema Único de Saúde (SUS), este trabalho tem como objetivo refletir sobre os processos de inclusão das mulheres imigrantes pelas instituições de saúde pública na cidade de Porto Alegre, principalmente no que tange ao acompanhamento pré-natal das gestantes.

Resultados prévios

Como resultado prévio, identifica-se que as mulheres imigrantes possuem especificidades culturais, psicossociais e biológicas que necessitam de maior atenção por parte dos serviços de saúde. Os estudos sugerem que as dificuldades parecem intensificar-se nos âmbitos da saúde sexual e reprodutiva, sendo a gravidez e a maternidade períodos de maior vulnerabilidade à doença e ao risco. Os resultados de pesquisas desenvolvidas apontam no sentido dos profissionais de saúde não estarem devidamente preparados para atuar com as populações imigrantes. Em relação à Porto Alegre, esta hipótese é confirmada, haja visto a dificuldade em construir uma unidade de referência para imigrantes na cidade, o que já vem sendo discutido desde 2016.

Referências

- ASSIS, Gláucia de Oliveira.** *Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais, redes sociais e migração internacional*. 2007. 28 p. Artigo (Revista Estudos Feministas.) - Universidade do Estado de Santa Catarina, 2007. Disponível em: . Acesso em: 19 jun. 2018
- LISBOA, Teresa Kleba.** *Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência*. 2007. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: . Acesso em: 19 jun. 2018.
- KOSMINSKY, Ethel V.** *Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero*. 2007. Artigo (Revista Estudos Feministas.) Universidade Estadual Paulista, campus de Marília. Disponível em: .
- NEVES, Sofia; MIRANDA, Joana.** *Introdução: Gênero e Migrações*. 2011. Dossier temático. CEMRI - Universidade Aberta. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602011000200002>. Acesso em: 19 jun. 2018